
COMPUTADORES NA EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE UM IMPERATIVO PARA A ESCOLA NOS ANOS 1980¹

Luís Henrique Sommer²

RESUMO

O artigo examina um conjunto de estratégias, sobretudo discursivas, que teriam estabelecido o imperativo da informatização, que viria a condicionar a utilização de computadores na rede municipal de ensino do município gaúcho de Novo Hamburgo nos anos 1980. Com base nos estudos culturais em sua vertente foucaultiana, demonstro e analiso como a informatização da educação pública da Cidade entra cena, passa a ser pensada. Ao longo do texto, examino o discurso da campanha jornalística, de apregoador caráter comunitário, *Projeto Agora: a conquista do computador*, posta em curso sob a coordenação do jornal da Cidade. Ferramentas conceituais extraídas da teorização foucaultiana permitiram-me focalizar a referida campanha como uma estratégia de governamento da população da Cidade, ao demonstrar a montagem de um aparato discursivo estratégico, empenhado em seduzir a população através de um conjunto de enunciados produzidos segundo regras estritas que a própria campanha vinha estabelecendo. Finalmente, discuto as conexões entre computadores na educação e a vida econômica da Cidade, demonstrando que inserir computadores na educação da Cidade significava muito mais investir em tecnologia e na produção de sujeitos capazes de garantir a continuidade da trajetória de progresso e desenvolvimento econômico da Cidade industrial, e menos uma questão de educação.

Palavras-chave: computador, construção discursiva, educação pública.

[...] estamos deixando a era industrial e entrando na era da informática, que traz mudanças estruturais irreversíveis para a sociedade (...) uma época em que, mais importante do que o capital acumulado torna-se a inteligência e o talento do homem (Jornal NH, 17 abr. 1984, p. 2).

[...] a informática é algo definitivo: 'quem não se adaptar e não assimilar esta nova tecnologia, simplesmente vai sumir' (Idem, 30 abr. 1984, p. 2).

[...] um outro desafio se apresenta, agora. É a informática, o processamento de dados, o computador que se afigura como ferramenta já indispensável a qualquer comunidade que precisa manter seu desenvolvimento, crescendo (Idem, 13 abr. 1984, p. 1).³

INTRODUÇÃO

Os excertos que abrem este texto foram selecionados por seu poder de síntese. Eles são categóricos, eles não deixam dúvidas: uma nova ordem se aproxima; novos mapas cognitivos, econômicos e culturais entrariam em vigor a partir da centralidade da informática, a partir da inserção de computadores nos sistemas produtivos de nossas sociedades. A educação, carro-chefe do desenvolvimento, não poderia ficar à margem deste processo, afinal, é esta instituição do Ocidente que, desde o século XVIII,

¹A pesquisa de doutoramento em Educação que deu origem a este trabalho foi realizada na UFRGS, com bolsa do CNPq. Texto apresentado no "IV Seminário Internacional As Redes de conhecimentos e a tecnologia: práticas educativas, cotidiano e cultura", realizado na UERJ de 11 a 14 de junho de 2007.

²Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto da Universidade Luterana do Brasil.

³Quando se tratar de transcrições empíricas, vou utilizar o *itálico*, tanto em citações em destaque como no corpo do texto.

teria assumido a tarefa de produzir um *corpus* governável de cidadãos (COSTA, 1998). Se a informática e os computadores viriam a assumir uma centralidade nos sistemas produtivos contemporâneos, então não havia como deixar de postular que nossas escolas incorporassem em seus currículos estes novos artefatos da cultura: os computadores. De uma forma muito resumida, é esta a lógica que teria sustentado a precoce inserção de computadores na escola pública municipal de Novo Hamburgo⁴, município da região metropolitana de Porto Alegre, nos anos 1980. Esse é o tema deste trabalho, que traz à discussão os resultados de uma pesquisa de doutorado que se centrou na análise de um conjunto de estratégias (sobretudo discursivas) que teriam estabelecido o imperativo da informatização, que viria a condicionar a utilização de computadores na educação daquela cidade gaúcha.

A referida pesquisa, concebida a partir da articulação dos estudos culturais com os estudos foucaultianos, partiu da seguinte questão: Como a introdução da informática na educação foi colocada como um problema a ser enfrentado, um desafio a ser superado pelo conjunto da população (comunidade) de Novo Hamburgo na primeira metade da década de 1980? Em outras palavras, como a informatização precoce da educação pública da Cidade entra cena, passa a ser pensada? Ao procurar responder essa questão, deparei-me com a campanha jornalística, de apregoado caráter comunitário, intitulada *Projeto Agora: a conquista do computador*, patrocinada pelo *Jornal NH*⁵, entre os anos de 1984 e 1986, durante os quais se deu a inserção de computadores na educação pública da Cidade. Funcionando como um aparato discursivo estratégico, a campanha fabricava sentidos sobre os computadores, a educação, a vida da Cidade, uma nova era, as crianças-usuárias, os sujeitos demandados pela “sociedade tecnológica”.

Ancorado na teorização foucaultiana (FOUCAULT, 1998a; 1998b; 1998c; 1999a; 1999b; 2000) acerca dos regimes de poder de nossas sociedades ocidentais contemporâneas, extraídas especialmente dos seus estudos da governamentalidade, penso ter produzido um objeto de pesquisa específico: o governo⁶ da população através da referida campanha. Examinando os textos do *Projeto Agora*, demonstro como a informatização da Cidade entra em cena, como ela é produzida através de um conjunto de práticas discursivas e não discursivas que iriam balizar, regular e justificar os investimentos sobre a educação da Cidade.

O DISCURSO DAS CAMPANHAS COMUNITÁRIAS

O *Projeto Agora* precisa ser localizado em uma longa tradição de campanhas que ocorreram na Cidade desde os anos 1960, o que coincide com o surgimento do *Jornal NH*. A noção de *comunidade* ocuparia uma centralidade no desenvolvimento de todas as campanhas ocorridas em

⁴Novo Hamburgo é um município que pertence a região metropolitana de Porto Alegre e está localizado na microrregião do Vale do Sinos, distante quarenta e cinco quilômetros da capital do Estado. Sua área é de aproximadamente duzentos e vinte dois quilômetros quadrados, sendo que apenas trinta por cento da área total é considerada urbana. Em 2006, possui uma população estimada de 258.754 habitantes (Fonte: IBGE).

⁵Jornal diário produzido pelo Grupo Editorial Sinos – Novo Hamburgo – RS. Tiragem atual: 40.000 exemplares/dia. Esta empresa jornalística produz também o jornal VS de São Leopoldo, o Diário de Canoas e o jornal dominical ABC DOMINGO.

⁶Desde já, esclareço que vou passar a utilizar a expressão governo ao invés de governo, quando esta noção referir-se à “ação ou ato de governar” (VEIGA-NETO, 2002, p. 19). Governo, então, será incorporado neste artigo, quando referir-se a práticas sociais (ação de governar), diferenciando-se de governo enquanto instituição “que centraliza ou toma para si a caução da ação de governar” (id., p. 19). Entretanto, quando se tratar de citações de traduções brasileira da produção foucaultiana, conservarei a grafia original.

Novo Hamburgo desde esta época. A partir dela noção, a mídia, servindo-se de diferentes estratégias representacionais (HALL, 1997), tem vinculado as vidas individuais a um projeto comum, a uma história contínua de realizações e empreendimentos, supostamente produzidos pelo compartilhamento de um espírito comunitário. Neste processo discursivo, produzem-se, a um só tempo, os objetos culturais *comunidade* e os *sujeitos comunitários*.

No seio de uma tradição de campanhas, desenvolvidas sob a tutela do *Jornal NH*, o discurso identitário é encapsulado no objeto *comunidade*, recorrentemente invocado nos textos jornalísticos. Em outros termos, um discurso hegemônico⁷, que enunciava os vínculos identitários dos habitantes de Novo Hamburgo, é reorganizado pelo Jornal nos discursos das campanhas que instituem o objeto *comunidade*. E mesmo quando o Jornal passa em revista uma história de campanhas, cujo marco inicial seria o movimento pela conquista de telefones automáticos no início dos anos 1960, o faz como se, desde sempre, a noção de comunidade estivesse presente.

O *Projeto Agora* precisa ser situado dentro da história destas movimentações, todas contando com a coordenação do *Jornal NH*. Além disso, o *Projeto Agora* apresentava muitas similaridades com as antigas campanhas, sobretudo no que se refere às suas estratégias discursivas que seguiam a mesma lógica dos outros empreendimentos, das outras campanhas, desenvolvidas e registradas pelo *Jornal NH*, ao longo dos últimos quarenta anos.

O primeiro aspecto comum, na dimensão discursiva, tem a ver com a noção de *comunidade* que, pode ser tomada como um sistema de representação cultural. Chama a atenção a sistematidade com que o *Jornal NH* tem recorrido a esta noção para legitimar as campanhas postas em curso no âmbito do Município. O *interesse comunitário* tem sido a justificativa mais notável para a adesão do Jornal a quaisquer destes movimentos. Nesse sentido, *comunidade* consubstancia-se como uma matriz de sentidos, um conceito síntese utilizado pelo Jornal para “gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHWARZ, *apud* HALL, 1997, p. 53) nos habitantes da cidade.

Nessa direção, a referência a uma história construída através de iniciativas comunitárias, graças a uma pretensa natureza empreendedora dos seus habitantes, como enunciado no discurso identitário, é recorrente na Cidade, parecendo funcionar como uma espécie de mito de origem, uma narrativa mestra que é repetida, retomada, um discurso insistentemente reiterado, operando como um catalisador de uma identidade hamburguense. A essa identidade é atribuído o mérito pelas históricas e cíclicas conquistas comunitárias. Na década de sessenta, foram os telefones automáticos, depois a consolidação do município como capital nacional do calçado, seguindo-se a condição de grande pólo exportador. Na metade da década de oitenta, temos os computadores nas escolas públicas municipais; na década de noventa, o encampamento da Companhia Rio Grandense de Saneamento (Corsan), concomitantemente à instituição da Companhia Municipal de Saneamento (Comusa) e conseqüente administração da água pelo município.

A construção/atualização de um discurso que afirma a existência de uma cultura comunitária em Novo Hamburgo resulta do acionamento de determinadas estratégias representacionais, similares àquelas descritas por Hall (1997) em sua análise das culturas nacionais como comunidades imaginadas⁸. Tais estratégias operam na construção de um senso comum acerca do pertencimento à

⁷Esse discurso hegemônico, que já havia sido identificado por Selbach (1999) foi isolado na atividade de pesquisa, ao manipular os jornais (*jornal O 5* de Abril e *Jornal NH*) e monografias históricas sobre Novo Hamburgo (PETRY, 1963; SCHÜTZ, 1992).

⁸Esta temática é desenvolvida a partir do conceito de “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson (1989).

comunidade hamburguesa e têm sido capitalizadas pelo Jornal no processo de legitimação de qualquer campanha que conte com seu apoio. A primeira dessas estratégias consiste na existência de uma *narrativa da comunidade*, posta a circular na mídia local, no sistema de ensino, nas instituições públicas da Cidade, nas entidades patronais, etc. Tal narrativa fornece uma série de materiais (imagens, eventos históricos, rituais, símbolos) que produzem representações de experiências comuns e dão sentido à comunidade (cf. HALL, 1997). Esta estratégia faz o vínculo entre passado e presente, enfatizando a tradição e a herança, a “*continuidade*, de forma que nossa cultura política presente é vista como o florescimento de uma longa e orgânica evolução” (SCHWARTZ, *apud* HALL, 1997, p. 57).

A segunda estratégia utilizada pelo Jornal é a *ênfase nas origens*, que opera um apagamento das diferenças sociais, culturais, étnicas constitutivas da população de Novo Hamburgo. Esta estratégia, dependente da primeira, postula que os verdadeiros atributos da identidade hamburguesa precedem e ultrapassam qualquer mudança histórica e estrutural da Cidade. Não se trata de afirmar que os habitantes tenham uma natureza biológica singular, não há uma narrativa de um povo puro ancestral sendo veiculada pela imprensa, antes seríamos herdeiros de um *espírito comunitário*, produzido pelos pioneiros, e responsáveis por sua perenidade. A nós, *sujeitos comunitários*, caberia honrar o passado e seguir nossa vocação realizadora, nossa tendência ao desenvolvimento, ao progresso através do trabalho.

As profundas transformações urbanas, as diferenças culturais e de classe que caracterizam a população da Cidade, têm sido invisibilizadas pela mídia e pela administração pública. E, quando não se pôde mais ignorar os efeitos de um cinturão de pobreza produzido nos anos de ouro da exportação de calçados, basicamente por indivíduos oriundos do êxodo rural, nos anos 1990, o sentimento de *comunidade* atuaria, através de personalidades públicas, sugerindo a construção de pórticos com guaritas para a triagem de não hamburgueses, de forma a impedir seu estabelecimento nos limites do município.

Desta forma, em suas estratégias de legitimação das campanhas, parece que o *Jornal NH* atualiza formas pré-modernas de lealdade e identificação, na medida em que utiliza a noção de *comunidade* para produzir um pretense e transcendente vínculo entre os indivíduos que compõem a população da região de Novo Hamburgo. Assim fazendo, coloca em circulação determinadas representações com as quais a população tem sido conclamada a se identificar ao longo do tempo.

Em termos mais políticos, a noção de comunidade⁹ expressaria uma nova territorialização do pensamento e das práticas políticas, que estaria suplantando o social como campo privilegiado de cálculo e intervenção das estratégias de governo (cf. ROSE, 1996b). Quando o Jornal passa a se referir à Cidade como uma comunidade, ele estabelece um novo campo suscetível à intervenção, um novo território caracterizado por “uma nova relação entre as estratégias de governo dos outros e as técnicas de governo de si, situadas em novas relações de mútua obrigação” (id., p. 331). A noção de comunidade estaria fortemente vinculada a uma categorização dos sujeitos a partir de seus laços

⁹Rose (1996b) afirma que “o termo comunidade, de fato, há muito tem sido destaque no pensamento político; torna-se tema de governo, no entanto, quando se torna técnico. Em torno dos anos 1960, a comunidade já era aclamada pelos sociólogos como possível antídoto à solidão e isolamento do indivíduo gerados pela ‘sociedade de massa’. Esta idéia de comunidade enquanto autenticidade perdida e pertença comum foi inicialmente disposta no campo social como parte da linguagem de crítica e oposição dirigida à distante burocracia. Os ativistas da comunidade deviam identificar-se, não com um welfare system que eles viam como degradante, controlador, de policiamento, mas com aqueles que eram os sujeitos desse sistema □ os moradores das habitações, projetos e guetos” (id., p. 332).

morais, “sujeitos da fidelidade a um conjunto particular de valores, crenças e compromissos da comunidade” (ibidem).

Neste sentido, a noção de comunidade, contraposta à abstração sociedade, implicaria na valorização dos vínculos entre os sujeitos de um certo território. Mas como Rose (op. cit.) aponta, ela é mais do que a redefinição de um território de governo, é também “os meios de governo: seus laços, vínculos, forças e afiliações devem ser celebrados, estimulados, nutridos, moldados e instrumentalizados na esperança de produzirem-se conseqüências desejadas para todos e para cada um” (id., p. 335).

Sob esta ótica, as campanhas de população desenvolvidas ao longo da segunda metade do século passado em Novo Hamburgo, enquanto tecnologias biopolíticas, estão vinculadas a uma certa racionalidade governamental, a uma certa forma de conduzir as condutas dos indivíduos a partir de suas liberdades. E o discurso interpelativo que aciona o desejo de pertencer, de fazer parte disto que a noção de comunidade instaura, seria absolutamente central nesta forma de fazer o governo da população, uma vez que tal noção estabelece-se a partir da afirmação de um vínculo de natureza moral entre as pessoas (ROSE, 1996a; 1996b; 2001).

PROJETO AGORA: A CONQUISTA DO COMPUTADOR

O *Projeto Agora* começa com a organização de um grupo de trabalho para discutir a questão da informatização da cidade. A campanha foi estruturada em duas etapas. A primeira etapa consistiria na organização de um grupo de trabalho responsabilizado pelo planejamento das ações a serem implementadas, tendo como foco produzir na comunidade a necessidade, o desejo de abrir-se às “benesses” da tecnologia da informática. Destaca-se, nesta fase, a produção discursiva do computador consubstanciada como um objeto fácil de ser operado, estimulador da criatividade, imprescindível, de arquitetura simples, a serviço da eficiência administrativa, sintonizado com as exigências da vida moderna e boa para as crianças.

A segunda etapa seria materializada através do contato físico da “comunidade” com os computadores, momento em que o *Projeto Agora* se abre à participação das “lideranças” comunitárias e representantes de entidades de classe e instituições: Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (FEEVALE), Clube dos Diretores Lojistas, Sindicato dos médicos, Associação Brasileira de Odontologia, agências de publicidade, Ordem dos Advogados do Brasil, União de Mães de Novo Hamburgo, Associação dos Contabilistas, Associação de Engenheiros e arquitetos¹⁰. Cabe destacar que nenhum sindicato ou entidade de trabalhadores é citado. Não se sabe se efetivamente houve o convite para tanto, porque não existe nenhum registro sobre isso.

Seis meses após o lançamento da campanha, o *Projeto Agora* seria composto por cinco frentes de trabalho: uma coordenação executiva composta pelo diretor do *Jornal NH*, pelo presidente da Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo e por um economista, e quatro outras frentes, sendo que três delas seriam responsáveis pelo apoio aos projetos na área da educação nos três níveis de ensino: ensino fundamental, através da SEMEC; ensino médio, através da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha (Fundação Liberato) e ensino superior, através da

¹⁰Ver *Jornal NH*, 1 jun.1984, p. 2.

FEEVALE. A outra frente ficaria responsável pelo desenvolvimento de iniciativas voltadas para a popularização do computador¹¹.

Desde o seu início, o *Projeto Agora* não se caracterizaria por suas pretensões modestas. Pelo contrário, é emblemático o caso específico de formação de técnicos em microeletrônica de nível médio¹². O discurso da Campanha apregoava que eles em pouco tempo estivessem *montando computadores no fundo do quintal*¹³ e desta forma a Cidade estaria *ingressando numa nova era industrial*¹⁴. Quer dizer, as expectativas eram de que Novo Hamburgo pudesse repetir a trajetória histórica do Vale do Silício, que desde os anos 70 produzia as bases materiais para o desenvolvimento e sofisticação crescente dos microcomputadores.

Se originalmente o *Projeto Agora* tinha como meta popularizar os computadores na Cidade, em seis meses de campanha os objetivos eram mais específicos e bem dirigidos: (...) *estimular o uso dos computadores nas escolas, (...) propiciar o desenvolvimento da indústria de informática em Novo Hamburgo*¹⁵ e implantar “um grande Centro de Processamento de Dados na cidade”¹⁶.

AS PRODUÇÕES DO DISCURSO

No lançamento do *Projeto Agora*, o primeiro objeto discursivo produzido (talvez seja melhor dizer, reativado) é *comunidade*, articulado a uma narrativa de realizações, a uma tradição de conquistas, neste caso específico, no terreno da tecnologia. O segundo objeto produzido pelo discurso da campanha tem a ver com uma nova configuração do mundo do trabalho, dos sistemas produtivos, pelo advento de uma nova era, pois *estamos deixando a era industrial e entrando na era da informática, que traz mudanças estruturais irreversíveis para a sociedade (...) uma época em que, mais importante do que o capital acumulado torna-se a inteligência e o talento do homem*¹⁷.

A utilização de computadores por diferentes instituições era apresentada como parte das evidências concretas de que os novos tempos já haviam chegado:

a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos está implantando um programa com o objetivo de adaptar-se à era da informática¹⁸.

em 1985, de cada três residências norte-americanas, uma terá computador [...] [e] até o final do século, a proporção se adensará para oito em cada dez, [...] segundo a revista “Fortune”¹⁹.

Além de tais evidências, é apresentado um conjunto de assertivas acerca dos benéficos efeitos sociais decorrentes da informatização:

¹¹Ver Jornal NH, 22 out. 1984, p. 2.

¹²Trata-se de uma das propostas do Projeto Agora para a área da educação de Novo Hamburgo: *Estimular a criação de um curso técnico de fabricação e manutenção de computadores na escola Liberato*.

¹³Jornal NH, 22 out. 1984, p. 2.

¹⁴Ibidem.

¹⁵Ibidem.

¹⁶Ibidem.

¹⁷Jornal NH, 17 abr. 1984, p. 2. Grifo meu.

¹⁸Ibidem.

¹⁹Idem, 20 abr. 1984, p. 2.

os computadores vão liberar grandes contingentes de pessoas de tarefas rotineiras²⁰

[ao invés de gerar desemprego, ocorrerá] um melhor aproveitamento dos recursos humanos²¹

os funcionários que estão sendo liberados das funções rotineiras (...) podem trabalhar com mais tranquilidade, analisando as informações fornecidas pelo computador e tornam-se mais eficientes²²

Assim, o discurso da campanha produz a certeza de que a informática e os computadores são irreversíveis, sua aplicação é uma realidade, especialmente nos países considerados desenvolvidos, condicionando diversos aspectos da vida das populações. Dessa forma, o objeto *era da informática*, significado como a nova etapa em nossa história teleológica, é a primeira grande justificativa para a implementação do *Projeto Agora: a conquista do computador*. Tributária da metanarrativa moderna do aumento da riqueza pelo domínio da Ciência e da Tecnologia capitalistas (LYOTARD, 1998), ela funcionará como um dos pilares sobre o qual se edificará a conquista da informática.

A terceira objetivação – *computador* – ainda que tenha sido produzida regularmente ao longo de toda a campanha, basicamente em torno de enunciações acerca do que faz, para que serve, quer dizer, tenha sido constantemente referido, mereceu uma semana inteira do *Projeto Agora* para a sua descrição. No primeiro dia, a capa do *Jornal NH* estampa a seguinte chamada: “É hora de ver o computador mais de perto²³” e anuncia “quem é, afinal, o computador (o que ele faz), e a terminologia que se utiliza na informática²⁴”. Na matéria, à página 2, segue-se:

[...] Para entender exatamente o que é um computador, é preciso simplesmente ter claro o que ele faz: 1 – recebe informações (palavras e números, por exemplo); 2 – pode memorizá-las, se isto for necessário; 3 – trabalha com elas, realizando operações aritméticas, comparando-as, selecionando-as de acordo com critérios pré-estabelecidos ou estabelecendo outras relações desejadas; 4 – comunica o resultado do trabalho executado, tudo isto com velocidade e precisão fantásticas²⁵.

O texto, numa operação que iria se tornar típica na campanha, utiliza uma linguagem que associa funções e operações do computador a atributos humanos, a começar pela pergunta que intitula a matéria: “E afinal, **quem** é o computador?²⁶”, que antropomorfiza a máquina. Este mesmo procedimento se faz presente na analogia utilizada para sintetizar seu funcionamento interno: “o computador é **sensibilizado** por sinais eletrônicos, organizados em forma de código, assim como o **cérebro humano** dá uma organização química aos sinais que recebe através dos olhos, ouvido e outros sentidos²⁷”.

Os enunciados que instituem o objeto computador são produzidos, inicialmente, a partir dos relatos de usuários da própria comunidade: o corretor de seguros que afirma fazer o que seria “o ser-

²⁰Idem, 17 abr. 1984, p. 2.

²¹Idem, 30 abr. 1984, p. 2

²²Jornal NH, 10 maio 1984, p. 2.

²³Idem, 4 maio 1984, p. 1.

²⁴Ibidem. Grifo meu.

²⁵Ibidem, p. 2.

²⁶Idem, 4 maio 1984, p. 2. Grifo meu.

²⁷Ibidem. Grifos meus.

viço de uma tarde em apenas dez minutos²⁸”; o arquiteto que já pode atender a mais clientes “e pensar melhor em cada projeto²⁹”; a secretária que se apaixonou pelo computador porque ele a estimula no trabalho, afinal “com esta facilidade de consultar informações, a gente tem mil possibilidades novas e fica estimulada para tomar iniciativas, criar coisas novas³⁰”; o representante da associação calçadista que se encanta com a possibilidade de cadastrar todos os associados “e armazenar informações atualizadas sobre mão-de-obra, matéria prima, produção e comercialização, para ter um histórico mensal do comportamento do setor e, assim, analisar e explicar suas tendências³¹”.

Colado a essa definição de computador, decorrente da descrição de seus usos, de suas aplicações, o que num primeiro momento decorre do depoimento de cidadãos hamburgueses, está a produção do objeto *usuário(s)*, que é central nesta descrição, pois é a partir dos depoimentos daqueles que aplicam, utilizam computadores, que as crianças vão sendo produzidas como usuários potenciais de computadores. Mais do que isso, e talvez mais importante, ao longo da campanha vai estar sendo construída a noção de que os computadores são, por definição, bons, úteis, necessários para as crianças e seu desenvolvimento. Dessa forma, progressivamente o *Projeto Agora* manifestaria uma vontade de poder sobre as crianças, sobre os estudantes, sobre a população escolar. Mas antes de entrar propriamente na descrição e análise da produção desta subclasse, *crianças-usuários*, vou continuar demonstrando a objetivação genérica, *usuário*.

Os usuários de computadores não são apenas pessoas da comunidade, como se pôde perceber desde as primeiras linhas desta seção. Além disso, não se trata apenas de indivíduos, mas de instituições, com destaque especial àquelas que compõem o setor produtivo da região: “com o menor dos micros, Bellange Calçados entrou na era da informática³²”; a empresa Killing de tintas e solventes obtém “rapidez e economia de horas de trabalho³³”; a empresa Calçados Centenário obteve “um considerável aumento da eficiência e da qualidade dos controles de informações (...) [e] hoje está claro (...) que o computador é irreversível e uma realidade na vida das empresas³⁴”; o computador já faz parte da vida da Instituição Evangélica³⁵, que “o utiliza na administração e já planeja introduzi-lo nas salas de aula³⁶”.

Além destes exemplos, o poder público municipal, a instituição de ensino superior da Cidade e a igreja também coincidem na opinião de que “é preciso fazer uso do computador³⁷”. Para o prefeito, “a difusão do computador não é somente necessária. Também é inevitável³⁸”; para o diretor da Feevale, “a moderna tecnologia da informática possibilita melhores condições de vida para o homem, porque minimiza o tempo que ele dispende (sic) em trabalhos rotineiros³⁹”; para o bispo,

²⁸Idem, 16 abr. 1984, p. 2.

²⁹Jornal NH, 18 abr. 1984, p. 2.

³⁰Idem, 23 abr. 1984, p. 2.

³¹Idem, 24 abr. 1984, p. 2.

³²Idem, 2 maio 1984, p. 2.

³³Idem, 10 maio 1984, p. 2.

³⁴Idem, 14 maio 1984, p. 2.

³⁵A Instituição Evangélica mantém uma rede de escolas luteranas na Cidade. É a instituição educacional privada mais antiga e tradicional de Novo Hamburgo.

³⁶Jornal NH, 3 maio 1984, p. 2.

³⁷Idem, 26 abr. 1984, p. 2.

³⁸Ibidem.

³⁹Ibidem.

“o computador é indispensável (...) para entidades que lidam com dados volumosos (...) [e] não se deve supor que a informática represente algum tipo de perigo para a humanidade: (...) ‘é uma conquista do mundo moderno, que deve ser utilizado para a felicidade das pessoas’⁴⁰”.

Já na primeira matéria da campanha, o *Jornal NH* afirmava que *“ninguém precisa ser especialista para participar de um encontro de importância nacional sobre informática. Até crianças terão espaço no VI Congresso Regional e II Feira Nacional de Informática (...) no Balneário de Camboriú⁴¹”*. Na segunda semana da campanha, o *Jornal NH* traz como chamada de capa *“Crianças operam e aprendem a programar o computador⁴²”*, acompanhada por uma foto de três meninas na frente da máquina. É a primeira vez que as crianças são o centro da matéria da editoria de informática e, até aquele momento, se trata da maior foto publicada.

O texto da chamada é o seguinte: *“Três meninas, de cinco, nove e onze anos de idade, operam com desenvoltura o microcomputador de seu pai, (...). Ele explica que a máquina estimulou a criatividade das crianças, que gostam mais de brincar com ela e estudá-la, do que ficar assistindo televisão⁴³”*. No corpo da matéria, na página seguinte, o orgulhoso pai relata o encontro das filhas com o computador. Ele lembra que comprou a máquina para ocupar *“suas horas de lazer aprimorando-se profissionalmente [e] desde o início permitiu e estimulou que as crianças brincassem sozinhas com ela⁴⁴”*. Além do estímulo à criatividade e ao estudo, o pai das crianças destaca o que lhe parece ser o efeito mais positivo, a aproximação das crianças: *“o melhor (...) é que a máquina as aproximou. Acho que por ser um desafio, as três se uniram, buscam apoio uma nas outras, para enfrentá-la. Elas aprenderam a trabalhar e brincar juntas⁴⁵”*.

Poucos dias depois desta primeira matéria sobre as crianças e o computador, o *Jornal NH* destacaria outro grupo de *crianças-usuárias*. Agora são quatro meninos que *“acham fácil aprender a operar o computador⁴⁶”*. Novamente, uma grande foto na primeira página retrata dois deles manipulando computadores e convoca para a leitura da matéria à página 2. O texto da chamada sintetizaria a opinião dos meninos: *“é fácil aprender a operar um computador e isto é importante para o futuro⁴⁷”* e *“as crianças deviam ter contatos mais freqüentes com os computadores⁴⁸”*. No corpo da matéria, na página seguinte, a opinião unânime dos meninos: *“quando forem adultos, será indispensável saber operar um computador⁴⁹”* e, além disso, *“acreditam que a máquina poderá ajudá-los, também hoje, nos estudos⁵⁰”*.

As escolas também sancionam as asserções das crianças pois, como afirma o diretor da Instituição Evangélica, *“o computador só faz aquilo que lhe é pedido. Assim, exige que a pessoa*

⁴⁰*Ibidem.*

⁴¹*Idem*, 16 abr. 1984, p. 2.

⁴²*Idem*, 25 abr. 1984, p. 1.

⁴³*Ibidem*. Grifos meus.

⁴⁴*Ibidem*, p. 2.

⁴⁵*Jornal NH*, 25 abr. 1984, p. 2.

⁴⁶*Idem*, 1 maio 1984, p. 1.

⁴⁷*Ibidem*.

⁴⁸*Ibidem*.

⁴⁹*Ibidem*, p. 2.

⁵⁰*Ibidem*.

*pense. É ótimo que as crianças deixem de olhar televisão para brincarem com um computador*⁵¹. Além disso, expertos no assunto também destacam seu uso pelas crianças, como o professor do departamento de ciência da computação de uma universidade da região, ao comentar o uso de seu computador pelos seus filhos: “*como qualquer máquina de aprendizado, o TK foi aprovado (...) pelos filhos. Ele comprou o equipamento quando os meninos começaram a lhe pedir um vídeo game*”⁵². Ao invés de um vídeo game, o professor teria optado pelo computador porque “*assim eles poderiam aprender alguma coisa, ao invés de simplesmente brincarem*”⁵³.

A objetivação usuário também mereceu espaço especial no decorrer da campanha. Afinal, a segunda fase do *Projeto Agora*, que consistiu na realização do *I Ciclo de Encontros de Informática*, no auditório do Grupo Editorial Sinos, especialmente montado com doze microcomputadores⁵⁴, contou com o apoio e participação dos “*líderes comunitários e representantes de entidades de classe*”⁵⁵, que organizaram grupos para participar de encontros onde teriam a oportunidade de “*operar computadores com programas simples*”⁵⁶. Estes encontros ocorreriam à noite e teriam como objetivo, “*demonstrar, na prática, como é fácil lidar com o equipamento*”⁵⁷, e contariam com grupos que representavam a educação (Conselho Municipal de Educação, professores da FEEVALE, professoras e diretoras municipais), comerciantes, médicos, dentistas, publicitários, advogados, donas de casa, contabilistas, engenheiros e arquitetos, prefeito e secretários municipais. Durante o dia, a sala dos computadores estaria reservada para grupos de estudantes, o que parece não ter ocorrido, dada a inexistência de matérias sobre o fato.

Nesta segunda fase, a idéia de que as crianças devem usar computadores ganharia impulso, seria legitimada por um conjunto de argumentos de expertos da educação e do novo campo da informática na educação. Através destes últimos, a instituição tradicionalmente responsável pela produção de conhecimentos – a universidade – se manifestaria e sancionaria as iniciativas da campanha para a educação da Cidade.

No desenvolvimento do *I Ciclo de Encontros de Informática* – os primeiros grupos a entrarem em contato com os computadores foram da área da educação, a começar pelo Conselho Municipal de Educação. Na noite seguinte, seriam os professores da FEEVALE que “*teriam a oportunidade de ‘conversar’ com os computadores*”⁵⁸ e escutar uma palestra com outro especialista do Educ/Cpd/UFRGS, sobre o mesmo tema. Na terceira noite, seria a vez de um grupo de professoras da rede pública municipal “*operar um computador, especialmente programado para travar um rápido diálogo com as pessoas que o ligarem*”⁵⁹ e assistir à palestra de Léa Fagundes⁶⁰, coordena-

⁵¹Idem, 3 maio 1984, p. 2.

⁵²Idem, 8 maio 1984, p. 2.

⁵³Ibidem.

⁵⁴O equipamento foi emprestado por empresas e a FEEVALE providenciou os serviços de recepção e orientação aos convidados, através de estudantes (Jornal NH, 6 jun. 1984, p.2).

⁵⁵Jornal NH, 1 jun. 1984, p. 2.

⁵⁶Ibidem.

⁵⁷Ibidem.

⁵⁸Idem, 7 jun. 1984, p. 2. Grifos meus.

⁵⁹Idem, 8 jun. 1984, p. 2. Grifos meus.

⁶⁰Para este encontro havia sido inicialmente programada a palestra de Paulo Roberto Mosca, médico pediatra e também pesquisador do EDUCOM/LEC/UFRGS.

dora do Laboratório de Estudos Cognitivos da Faculdade de Psicologia da UFRGS que integrava o Projeto Educom daquela universidade. A matéria que documentava o encontro estampava o seguinte título: *“O computador pode ajudar a revolucionar a educação”*⁶¹. Ainda que o tema de minha pesquisa não tenha sido relações de gênero, vale a pena reproduzir o começo do texto para perceber as representações que o Jornal construía a respeito do magistério e da própria condição feminina:

Sorridente e descontraída, imitando bichinhos como se estivesse dando aula para crianças de idade tenra, Léa Fagundes conquistou as professoras municipais que participaram, na última sexta-feira, do I Ciclo de Encontros de Informática, promovido pelo Jornal NH, com a participação da Micro-mega. Poucos diriam que aquela mulher, transbordante de ternura, poderia ostentar o título de coordenadora do laboratório de Estudos Cognitivos do Departamento de Psicologia da UFRGS e integrava o Projeto Educom da universidade⁶².

A matéria, além de representar o feminino como uma condição naturalmente pertencente ao mundo doméstico, relata o absoluto sucesso do encontro, marcado pelo entusiasmo geral do grupo de professoras. O motivo ia além da apregoada ternura da pesquisadora, tendo mais a ver com a experiência prática organizada por ela e com a força das justificativas sociais utilizadas em sua argumentação, que se alicerçava em *“uma teoria educacional, baseada em Piaget, que admite esperanças para as crianças brasileiras, mesmo para as mais castigadas por nossa estrutura social”*⁶³. O computador seria uma espécie de prótese para o pensamento: *“‘Dizem que nossas crianças só dispõem de 45 por cento de seus neurônios’ afirmou a professora, em certo momento, para arrematar em seguida: ‘Então temos que ajudá-las a utilizar os 45 por cento de capacidade que ainda lhes resta’*⁶⁴”.

Ela havia demonstrado a produtividade da utilização dos computadores na educação, a partir da teoria piagetiana e, assim, ritualizado, usando uma expressão de Calligaris (1998, p. 11), “o casamento das fortunas educativas do computador” com a psicologia do desenvolvimento do psicólogo suíço Jean Piaget. Léa Fagundes apresentara a linguagem *Logo* às professoras municipais de Novo Hamburgo e, no cerne de seu discurso, a um só tempo, estava a atribuição de uma centralidade àquela particular psicologia e a desqualificação de outras correntes psicológicas. Assim, *“a própria professora chamou a atenção para a diferença entre esta proposta e outros métodos de ensino através do computador, que se fundamentam nas teses de Skinner”*⁶⁵, pois *“este propunha, simplesmente, que a cada resposta certa, a criança fosse estimulada com expressões carinhosas ou outros tipos de agrado”*⁶⁶. Para a pesquisadora, é esta lógica que sustentava boa parte dos programas que utilizariam computadores no ensino, e isto *“não traz nada de novo à educação. ‘A máquina é neutra’, afirmou. ‘Se não for utilizada com base numa teoria educacional adequada, não trará bons resultados’*⁶⁷”.

Os mesmos argumentos e a mesma experiência seriam repetidos com o grupo de diretoras da rede municipal de ensino algumas semanas depois. Mas desta vez a pesquisadora, além de anali-

⁶¹ Jornal NH, 12 jun. 1984, p. 2.

⁶² Jornal NH, 12 jun. 1984, p. 2.

⁶³ *Ibidem*

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Ibidem*. Grifo meu.

⁶⁷ Jornal NH, 26 jun. 1984, p. 2.

sar as deficiências do sistema de ensino brasileiro, sobretudo no que se refere à inadequação da teoria da aprendizagem dominante, de tradição comportamentalista, apregooou a necessidade dos programas de computadores voltados ao ensino serem desenvolvidos por especialistas da área psi e não por programadores de computadores. Além disto, sugeriu o uso de computadores com crianças que já apresentam problemas de aprendizagem:

[...] a programação no ensino deveria ser criada por pessoas ligadas diretamente ao ensino e não por programadores que não tenham preparo específico neste campo. Os programas realizados visam o ensino a crianças que já têm problemas de alfabetização e completo desinteresse em aprender. Toda a elaboração deste programa deve ser montada por psicólogos que sabem de que forma transmitir informações à criança, onde a mesma tem interesse em participar⁶⁸.

Em termos discursivos, o saldo destes encontros teria sido a consolidação do objeto *crianças-usuárias*. Com uma farta produção de benéficos efeitos sociais que seriam produzidos através do uso de computadores, articulado com as verdades sobre a infância produzidas pelos expertos em educação e informática na educação, o campo estava aberto para que a campanha privilegiasse seus investimentos sobre as instituições educacionais da Cidade, o que não tardaria a ocorrer. Em maio de 1985 seria fundado o Centro de Preparação e Iniciação à Ciência da Informática (CEPIC), em uma sala da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (SEMEC).

Com a inauguração do CEPIC, Novo Hamburgo entraria na história, pois

este centro é o primeiro, no Brasil, em que os computadores, além de serem utilizados para educação de crianças de primeiro grau, em alguns casos de alfabetização, estão à disposição de crianças das classes sociais desfavorecidas. Além disso, salienta-se que se trata da primeira cidade onde se democratiza, efetivamente, a oportunidade de conviver com uma tecnologia moderna. Quando esta tecnologia é a informática, que está revolucionando o mundo moderno, é difícil perceber o alcance do que está acontecendo em nossa cidade. O tempo, com toda certeza, dirá⁶⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procurei trazer elementos para ampliar nossa compreensão dos complexos processos que condicionaram a inserção de computadores na educação pública deste país. Particularmente centrei-me na análise de um caso – o caso de Novo Hamburgo –, durante muito tempo tomado como modelar inclusive pelos órgãos governamentais responsáveis pelas políticas públicas para a informática na educação brasileira. Nesse caso específico, procurei demonstrar como a questão da informatização da cidade foi produzida como um problema, como um desafio a ser enfrentado por sua população (comunidade) nos anos oitenta, e como isto condicionou a inserção precoce de computadores em sua rede pública de ensino. Época em que as experiências com computadores na educação eram, ainda, bastante incipientes no Brasil, praticamente restritas a algumas pesquisas em poucas universidades federais.

Tentei demonstrar que o *Projeto Agora*, funcionando como um aparato discursivo estratégico, empenhou-se em seduzir a população através de um conjunto de enunciados produzidos se-

⁶⁸*Ibidem*.

⁶⁹*Idem*, 31 maio 1985, p. 8.

gundo regras estritas que a própria campanha vinha estabelecendo. Quer dizer, procurei destacar seu funcionamento como uma certa economia política da verdade (FOUCAULT, 1998a), produzindo e regulando os discursos sobre os computadores e a era da informática. Neste processo, a campanha partia da noção de comunidade, definia os objetos computador e era da informática, os usos atuais e potenciais dos computadores e seus usuários. Além disso, procurei destacar aspectos comuns do *Projeto Agora* com outras campanhas impulsionadas sob a coordenação do *Jornal NH*, desde a década de 1960.

Na tese de doutorado em Educação que originou este trabalho, trago à luz uma série de elementos que me permitiu demonstrar que todo o movimento em torno da inserção de computadores na educação de Novo Hamburgo precisa ser localizado no seio de uma vontade de modernização, de um desejo de integrar-se aos tempos modernos, regularmente enunciado nos jornais ao longo do século XX. Assim, computadores na escola significariam seguir neste projeto histórico, significariam investir em tecnologia e na produção de sujeitos capazes de garantir a continuidade da trajetória de progresso e desenvolvimento econômico da Cidade industrial. Em outras palavras, colocar computadores na escola era uma questão de administração da população da comuna, era uma questão de governo, de regulação de subjetividades, de produção de sujeitos capazes de atuarem na direção da manutenção dos históricos índices de desenvolvimento da Cidade, garantidos por conta da vocação fabril de Novo Hamburgo.

Nesses termos, os computadores na escola pública de Novo Hamburgo tem menos a ver com a idéia de *Bildung*, de formação moral e intelectual das novas gerações, e mais com a manutenção da tradição fabril da Cidade, com a produção de sujeitos capazes de atender às demandas dos sistemas produtivos condicionados pela disseminação de computadores. Em outras palavras, a inserção do computador na escola pública de Novo Hamburgo nos anos 1980 é menos uma questão de educação e mais uma questão de regulação econômica, de produção de sujeitos para os novos tempos, capazes de operar as novas máquinas da “era da informática”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Pedro F. de; LIMA, Maria C. M. de A. *Projeto Educom*. Brasília: MEC/OEA, 1993.
- CALLIGARIS, Contardo. Deseducação virtual. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 out. 1998. Caderno Mais!
- COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e Tradução Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.
- _____. A governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e Tradução Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998b.
- _____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998c.
- _____. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.
- _____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução Maria T. C. Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.
- _____. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz F. B. Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

-
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- Jornal NH*. Redação Rua Jornal NH, 99. Editor-chefe: Sérgio Pires. Início da circulação em março de 1960.
- Jornal *O 5 de abril*. Semanário de interesses gerais – publica-se às sextas-feiras. Director: Leopoldo Petry. Gerente: Edgar G. Behrend. Impresso na typographia Hans Behrend – Anúncios etc. a preços módicos – Assinaturas: Anno 10\$000 – Semestre 6\$000 – Pagamento adiantado. Circulação entre maio de 1927 e dezembro de 1962.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.
- PETRY, Leopoldo. *Novo Hamburgo: o florescente município do Vale do Rio dos Sinos*. 4. ed. São Leopoldo: Rottermund, 1963.
- ROSE, Nikolas. Governing "Advanced" Liberal Democracies. In: BARRY, Andrew; OSBORNE, Thomas; ROSE, Nikolas. (Ed.). *Foucault and Political Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996a.
- OSBORNE, Thomas; ROSE, Nikolas. The dead of the social? Re-figuring the territory of government. *Economy and Society*. London School of Economics and Political Science. London: v. 3, n. 25, p. 327-356, august 1996b.
- _____. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org. e Trad.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SELBACH, Jeferson F. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Novo Hamburgo: sua história, sua gente*. 2. ed. Porto Alegre: Palloti, 1992.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ABSTRACT

This paper examines a set of strategies, especially discursive ones, that would established the imperative of computerization, that would have conditioned the use of computers in the municipal system of education of Novo Hamburgo (RS-Brazil) in the 1980's. Based on foucauldian and cultural studies, I analyze and demonstrate how the computerization of the city public education emerges and begins to be thought. Throughout the text, I examine the journalistic campaign discourse, self-proclaimed as communitarian — Projeto Agora: a conquista do computador (Now: the conquest of the computer) —, taking place under the coordination of the city only newspaper. Conceptual tools derived from foucauldian teorization, had allowed me to focus this campaign as a strategy to govern city inhabitants, showing the construction of a strategical discursive apparatus to seduce people through a set of enunciations produced according to strict rules established by the campaign itself. Finally, I discuss the connections between the use of computers in education and the city economic life, showing that using computers in the city education meant to a great extent investing in technology and in the production of citizens able to guarantee the continuity of the progress trajectory and economic development of the industrial city, and less an educational question.

Keywords: computer, speech construction, state education.